

# Consumos de “Novas drogas”: pontos de partida para a investigação sociológica (1)

*Miguel Chaves*

**RESUMO:** Pretende-se neste texto lançar algumas pistas que permitam elucidar os significados que os consumidores do que designamos por “novas drogas” atribuem a essas substâncias, assim como à própria experiência de consumo na sua globalidade. Acreditamos que esses significados ocupam uma parte fundamental do processo motivacional que rodeia o consumo, porventura mais do que nos consumos de outras drogas, mais investigados até ao presente.

**Palavras Chave:** Novas Drogas; MDMA; Alucinogêneos; Universos Simbólicos; Significados culturais; *Self Social*.

**RÉSUMÉ:** Ce travail veut éclaircir les significations données par les usagers aux “nouvelles drogues”, bien qu’à l’expérience de consommation dans sa globalité. À notre avis ces significations occupent une partie fondamentale du procès motivational qui entoure l’usage, peut-être plus que dans l’usage d’autres drogues, plus étudiées jusqu’à présent.

**Mots Clé:** Nouvelles drogues, MDMA (Ecstasy), Hallucinogènes, Univers symboliques, Significations culturelles, *Self social*

**ABSTRACT:** This paper aims at clarifying the significations given by users to “new drugs”, as well as to the global experience of consumption itself. We believe these significations are a fundamental part of the motivation organization that surrounds consumption, may be greater than at other drugs consumption, more studied until today.

**Key words:** New drugs, MDMA (Ecstasy), hallucinogenes, Symbolic univers, Cultural significations, Social self

Antes de procurarmos enunciar algumas pistas iniciais que deverão presidir a uma investigação sociológica acerca do consumo de novas drogas, será conveniente referir, em primeiro lugar, quais as substâncias psicoativas que apelidamos de “novas”, mesmo que a sua identificação se revele ainda deficiente. À sombra pouco definida deste qualificativo procuramos agrupar todo um conjunto de substâncias que conquistaram recentemente uma posição considerável no mercado. Novas drogas são todas as que viram o seu consumo multiplicar-se por várias vezes ao longo da presente década de 90 e que parecem perfilar-se para ser as drogas de entrada no próximo milénio. Trata-se geralmente de substâncias sintéticas. Entre elas destacam-se algumas anfetaminas e alucinogêneos, bem como alguns outros produtos de

difícil categorização. A situação presente não pode deixar de gerar expectativas, dado que a investigação laboratorial se prepara para expandir largamente o leque de drogas sintéticas à escolha, o que dará novas chances aos consumidores e a grupos de consumidores potenciais, não só de escolher, em larga medida, o seu tipo de comportamento e estado de consciência, como de transitar de um estado para outro com cada vez maior regularidade e fantasia. Em suma, parecem estar reunidas as condições de âmbito laboratorial, quer para se multiplicarem as drogas, quer para se complexificarem os universos que rodeiam os seus consumos.

Interessa, porém, fazer uma ressalva: falar de grande intensificação e generalização do consumo de novas drogas, não é o mesmo que falar de criação recente, pois se algu-

mas destas substâncias ainda não transitaram sequer do património laboratorial para a sociedade, outras já realizaram esse percurso há algumas décadas.

O exemplo paradigmático de uma situação de expansão rapidíssima do consumo que se encontra temporalmente desfazada da sua criação em laboratório, é o do Ecstasy, ou Adam, ou simplesmente X ou ainda e apenas E. Tudo designações mais ou menos leigas para uma substância que foi quimicamente designada por MethilenoDioxido-MethamphetAmina - o já célebre MDMA, que tem vindo a suscitar, como referem Michel Kokoreff e Patrick Mignon (1994), uma situação de "pânico moral", sobretudo em Inglaterra. A criação laboratorial do Ecstasy remonta já ao início do século, mais precisamente a 1914 num laboratório alemão.

À semelhança de outras *designer drugs* de criação mais recente, o MDMA é uma incógnita, e logo em primeiro lugar uma incógnita farmacológica. Embora em termos de composição química seja uma feniletilamina, as suas propriedades psicoativas são únicas, dada a reduzida ou inexistente acção alucinogénica. Não pode ser também categorizado, simplesmente, como uma anfetamina ou como uma anfetamina - alucinógena. As especificidades químicas e psicoativas do MDMA conduzem mesmo a que se proponha a sua incorporação numa nova classe farmacológica, a dos entactogéneos.

Embora nos devam manter atentos às investigações acerca das novas substâncias psicoativas no campo da química e da farmacologia, um conjunto de outras questões tornam-se, no entanto, mais sensíveis para um cientista social. Não só em relação ao MDMA mas em relação a outras drogas sintéticas. Ainda em relação ao primeiro podemos, por exemplo, interrogar-nos: como se poderá compreender o seu esmagador sucesso no mercado das drogas, sabendo-se, ainda para mais, que este foi antecedido de um tão gigantesco fosso temporal relativamente à sua criação laboratorial? Por sua vez, como se poderá compreender o recrudescimento de alguns alucinogéneos como o LSD, cujo número de adeptos nada parece ficar a dever àquele com que conta no *Summer of love* de 67, parecendo ter-se expandido largamente para fora dos núcleos espacial e socialmente circunscritos em que se encontrava entrincheirado?

Se quiséssemos praticar uma análise social de ressonâncias levemente hegelianas poderíamos referir que se tratam de

"drogas do nosso tempo", de um putativo "espírito do tempo". E se desejássemos conferir-lhe uma certa fisionomia crítica poderíamos mesmo denunciar esse "tempo" e as "mudanças sociais nele ocorridas", lamentando que os sistemas social, económico e cultural, cada vez mais globais, tivessem evoluído no sentido em que evoluíram, sem explicitar bem que outro tipo de evolução se julgaria recomendável. Por fim, procuraríamos estabelecer relações rápidas entre os "males sistémicos" e o consumo de drogas. São conhecidos os clichés: "desemprego = droga"; "crise do sistema de valores = droga"; "violência televisiva = droga" e por aí fora: "o mal gera o mal", nada mais susceptível de acalentar consensos.

Não queremos afirmar à partida que algumas destas relações de causalidade não sejam pertinentes. De qualquer forma, a unidimensionalidade e a linearidade com que habitualmente são produzidas conduzem a pouco mais do que a uma demagogia simplificadora. Mas nada haveria porém a temer se esta, por um lado, não uniformizasse as substâncias e o seu consumo e se, por outro, não nos conferisse a ilusão de estar a produzir sociologia em torno do assunto, assunção tanto mais estranha quando se verifica que não se questionaram os consumidores em causa a propósito da forma como representam os próprios consumos.

É evidente que as Ciências Sociais em Portugal, salvo raras excepções, não deixam de ter responsabilidades neste cartório. Deveriam, pelo menos, ter-se encarregado de demonstrar que as relações entre as várias substâncias psicoativas, sociedade e sujeito se prestam a tudo menos a simplificações e uniformizações, tornando verdadeiramente reflexiva a propalada "reflexão pública". De facto, que debate alargado, que se diz urgente, é possível, num momento em que nas representações colectivas, a "Droga" continua a caracterizar uma realidade nebulosa que extravasa as próprias substâncias e em que os consumidores continuam a surgir como sujeitos unívocos, homogéneos, indistintos e passivos que se confrontam com uma situação criada, essencialmente, por "malfeitores"?

Pelo menos de um ponto de vista científico, não é difícil considerar que são urgentes análises sociologicamente sofisticadas.

Mas por onde começar?

## Ciências Sociais e “Novas Drogas”: “Por onde começar?”

Entendemos que a condição “sine qua non” da investigação em ciências sociais acerca deste fenómeno é a de **procurar reconstituir, detalhadamente, o espectro do consumo** (situando substâncias, consumidores, contextos) **na sua diversidade**. Esse deve ser, portanto, o objectivo inicial de uma pesquisa sociológica sobre novas drogas. Seguidamente defendemos que as investigações sociológicas deverão procurar **reconstituir o processo motivacional que subjaz ao consumo**. É certo que essa não é a única orientação possível de uma investigação sociológica acerca deste fenómeno. Longe disso. Mas trata-se, no entanto, de um desafio fundamental já que tem a virtude de nos colocar no interior de um contexto interdisciplinar que permite cruzar, de uma forma que se pretende sistemática, três tipos de interrogações tributárias de diversas ciências, designadamente da Farmacologia, da Psicologia, da Antropologia e da Sociologia:

- 1 - Quais as propriedades psicoativas específicas de cada uma destas substâncias?
- 2 - Quais as problemáticas e características psíquicas dos consumidores em causa?
- 3 - Quais as “visões do mundo” dos sujeitos consumidores, construídas no contexto das oportunidades e constrangimentos decorrentes da sua posição na estrutura social, bem como dos seus grupos e quadros de referência?

No âmbito da investigação do processo motivacional dos consumos de novas drogas, o contributo essencial que uma pesquisa sócio-antropológica poderá oferecer será o de reconstituir o leque de significados que os sujeitos consumidores atribuem aos seus consumos. Uma pesquisa deste tipo deverá reconhecer que esses significados se encontram profundamente articulados com os seus estilos e projectos de vida e, concomitantemente, com os seus universos de referência, bem como com os estilos de vida e universos concorrentes.

Neste sentido, o pressuposto sociológico que aqui defendemos entende que existe um processo reflexivo de selecção efectuado pelos sujeitos por referência ao “sor-

tido” de substâncias psicoativas disponíveis no mercado. Esse processo é desenvolvido pelos consumidores na sua relação com grupos de pertença e de referência, valores, crenças, ideais e estilos de vida, afectando as finalidades que estes pretendem atingir. Em suma, o significado que o consumidor atribui à substância encontra-se profundamente associado a todos os elementos que determinam o seu processo de construção enquanto self social (2).

Segundo as primeiras conclusões a que cheguei, os significados atribuídos aos consumos revelam-se mais importantes no caso de algumas das novas drogas mais em voga, do que no caso de outras substâncias psicoativas mais investigadas até ao presente. Isto acontece, em parte, porque os síndromes e os quadros de tolerância e de abstinência parecem ser menos intensos, nomeadamente os sintomas de privação decorrentes de consumos anteriores, adquirindo assim particular proeminência os aspectos do “estar disposto” ou de “querer” consumir.

### Consumos grupais, cerimónias e universos simbólicos

Ninguém pensará decerto, mas gostaria de sublinhá-lo antes de prosseguir, que o consumo solitário (individualizado) das novas drogas nos afasta do processo de atribuição de significados por parte do sujeito. Pelo contrário, nestas circunstâncias estes encontram-se muitas das vezes mais explícitos já que o sujeito tende a mencioná-los, referindo-se, por exemplo, a “buscas de espiritualidade” e a “aventuras místicas”, como apontam Lynne Watson e Jerome Beck (1991) na sua extensa investigação “Exploring Ecstasy” de 1991. Esses tipos de consumo encontram-se, muitas vezes, imersos em universos de referência que transcendem o sujeito, designadamente em crenças, valores, doutrinas e aprendizagens relativas à administração e efeitos das substâncias, senão simplesmente em desejos de pertença a grupos específicos de consumidores.

Não obstante, a maior parte das experiências de consumo destas substâncias são realizadas colectivamente. Elas ocorrem em contextos grupais específicos que os consumidores podem “habitar” em períodos de tempo muito diferenciados. A sua participação poderá quedar-se apenas por uma noite episódica ou por um fim-de-semana. Mas pode também ser tão longa e enquadrar-se de tal forma

nas suas vivências que seria melhor caracterizada pela utilização do termo, “estilo de vida” (3).

Os contextos sociais que estão mais associados aos consumos colectivos são um certo tipo de festas, geralmente designadas de *Rave Partys*, que contém, enquanto situações sociais ou mesmo cerimoniais, uma riqueza incontornável para a compreensão dos consumos. De facto, através de uma observação atenta podemos aperceber-nos que as drogas e este tipo de situações se articulam estreitamente; que a sua relação é dialéctica. Se por um lado, a droga possibilita a existência da cerimónia e a sua composição, é, por outro lado, a própria natureza da cerimónia que o grupo deseja construir que justifica a selecção de uma droga específica do leque das substâncias disponíveis.

O desejo de construir um determinado tipo de festa e não outra qualquer e, por sua vez, a preferência concomitante por determinadas drogas eleitas, dependem dos *universos simbólicos* que os grupos vão construindo e possuem como referência.

As cerimónias ocorrem em determinados contextos espaço-temporais. Possuem no entanto uma difusão planetária. São universos desenhados à escala global. Se nos detivermos um pouco conseguiremos vislumbrar, por exemplo, a forma como a generalidade das festas votadas ao consumo de Ecstasy tiveram a sua origem entre comunidades *gay* dos EUA e Sidney, estendendo-se depois rapidamente até Londres e Manchester. Desses focos difundiram-se os modelos mais *underground*, enquanto, por exemplo, a partir de Ibiza e de Rimini na costa adriática se constituíam os seus modelos mais *vie en rose*. De qualquer forma as ramificações planetárias destes universos não dependem já tanto de certos locais físicos e de boas novas trazidas por certos viajantes ocasionais que tivessem por lá passado. Elas emergem em circuitos virtuais e nos mass media, dos quais se destacam os canais musicais de televisão como a MTV, nomeadamente programas como o *Party Zone*, ou revistas como a *HI-FI*, a “eterna” *FACE* e, na sua face mais tecnológica, a *WIRE*.

Curiosamente, muitos dos elementos presentes nestes universos simbólicos encontram-se presentes na publicidade que, sendo receptora atenta deste imaginário estético Neo-Pop e cibernético, o enquadra sob a égide de venda de produtos e de informação, tornando-o

disponível a todos, mesmo aqueles que não são seus receptores habituais. É interessante referir que se trata presentemente de um património estético bem cotado no mercado de valores simbólicos. Qualquer receptor mediático pode utilizar, portanto, fragmentos destes universos de referência sem que tenha de convocar a panóplia de significados que lhe é imputada pelos consumidores de novas drogas.

### Proposta para o estudo dos grupos de consumidores de novas drogas na sua diversidade

Já referimos que um estudo sociológico sobre o consumo de novas drogas deverá ter como projecto inicial a identificação dos mundos sociais do consumo e dos grupos de consumidores na sua diversidade. Para o fazermos, é fundamental atender às relações desses grupos com os sistemas social e cultural dominantes, quer em termos de assimilação de alguns elementos, quer em termos de rejeição de outros.(4)

A relação destes mundos sociais do consumo com os contextos institucionais dominantes é tão importante que entendemos que, em larga medida, os grupos de consumidores e as próprias cerimónias por estes desenvolvidas podem ser entendidos de um ponto de vista estrutural como mundos sociais alternativos, como uma espécie de cápsulas redutoras da ansiedade, que conferem àqueles que as habitam a possibilidade de aí encontrarem contextos mais securizantes para a construção da sua *identidade pessoal* no interior dos complexos e arriscados contextos da “modernidade tardia” (Giddens: 1994).

No entanto, apesar da sua importância crucial, este tipo de análise, que pretende reconstituir as condições estruturais sobre as quais os consumidores desenvolvem as suas práticas, não é o que nos motiva nesta apresentação. Pretendemos antes, apresentar um mapa-tipológico que nos permita identificar os *universos simbólicos* que incluem consumos de novas drogas. Com esse mapa procura-se distinguir, de uma forma apenas exemplificativa, os grupos de consumidores, os seus objectivos, as cerimónias por eles produzidas e a importância selectiva que cada um deles atribui aos diferentes tipos de substâncias em circulação.

## Universos Simbólicos que incluem consumos de novas drogas

	Tipo e amplitude das cerimónias	Tipo de "habitantes" (públicos)	Objectivos enunciados	Manifestações estéticas	Tipo de manifestações de sociabilidade observadas	Música	Substâncias psicoativas
Universos simbólicos centrados na experiência alucinatória	Colectivas	Grupos com estilos de vida alternativos ex: Travellers (Auto-designam-se cyber-hippies)	Ênfase nas ideias pertença, relação e diluição no cosmos	Festas realizadas em praias ou bosques.	Deriva alucinogénea	Música: Trance ex: Goa Trance	LSD, variados alucinogéneos, nomeadamente cogumelos.
		Públicos curiosos de "experiências futuristas": Drogas associadas a novas tecnologias	Expansão dos limites da mente	Neo-psicadelismo com recurso a elementos tecnológicos.	"Forte desatenção pública" e pouca comunicação verbal.	Repetitiva mas com múltiplas e complexas sequências rítmicas.	Estimulantes
				Uso de divindades hindus, representações de extra-terrestres conjugadas com imagens psicadélicas	Ausência de contactos físicos.		MDMA
					Concentração em promenores - uso de florescentes, projecções de imagens, e música com múltiplas sequências rítmicas (estimulação dos sentidos)		Haxixe e Marijuana no Chill-Out
							(Alcool - totalmente excluído)
							(MDMA - por vezes excluído)
	Individuais	Praticantes do Zen, Yoga, etc.	Sabedoria mística - Insights	IDEM	Sentimento de se fazer parte do universo e de se prolongar nos outros.		LSD ou outros alucinogéneos Alucinogéneos + MDMA
			Contemplação				
			Auto-terapia				

O QUADRO continua na pag.seguinte

### Breves comentários descritivos acerca do quadro proposto

Os tipos de *universos simbólicos* apresentados resultam da relação entre: a) os objectivos descritos pelas pessoas envolvidas no consumo; b) a situação ou cerimónia construída, com os seus elementos ambientais dos quais se destaca a importância da música e c) as substâncias psicoativas que possibilitam estas situações e vivências. Cada um destes três componentes só poderá ser compreendido em articulação com os outros dois.

Passemos agora a uma breve leitura descritiva do quadro, circunscrita, por necessidade de redução do texto, às cerimónias de tipo colectivo.

- Designámos o primeiro universo de Universo simbólico centrado na experiência alucinatória. Tal deve-se ao facto dos envolvidos pretenderem experienciar estados alucinatórios ou de quererem realizar os seus objectivos

através da obtenção de estados desse tipo. É preciso mantermo-nos atentos relativamente ao facto de alguns desses consumidores poderem não identificar, necessariamente, as suas experiências como alucinatórias, mas antes como estados de "transe", "viagem", "revelação", "insight", etc.

As drogas utilizadas são sobretudo os alucinogéneos ou anfetaminas-alucinogéneas. É no entanto provável que estas substâncias sejam identificadas por certos grupos ou por alguns dos seus membros como uma espécie de "sacramentos" ou "dádivas" (Watson e Beck;1991). Neste sentido, poderemos afirmar que a designação "alucinatório" conferida ao *universo simbólico* é sobretudo de natureza analítica e não tanto émica.

As cerimónias ocorridas no interior deste universo simbólico adquirem as suas manifestações mais intensas nas praias de Gôa. Este facto prende-se sobretudo com a sua associação com a religião hindu, às religiões e ao misticismo oriental e com um tipo de crenças *new-age* que integram um complexo movimento ecológico.

	Tipo e amplitude das cerimónias	Tipo de "habitantes" (públicos)	Objectivos enunciados	Manifestações estéticas	Tipo de manifestações de sociabilidade observadas	Música	Substâncias psicoativas
Universos simbólicos centrados no hedonismo ou nas ideias de "Harmonia" e de "redução da ansiedade".	Grandes colectivos	VIE EN ROSE: Público adolescente, heterogéneo.  (Incluem-se classes populares e pequenas-burguesias rurais e urbanas)	Ênfase no usufruto do corpo e do ritmo  Diluição das expectativas interpessoais	Grandes espaços com decorações elaboradas  Disk-jockeys numa posição saliente e vizível  Aparato luminoso.  Projectções de video-clips tecno	Sentimento de empatia com reduzida comunicação verbal  Concentração na música e na dança.  Expectativas sexuais (quando existe alcool)	Música tecno com ritmos muito fortes dançáveis.	Pluri-consumos: MDMA Cocaina Alcool Anfetaminas Haxixe, etc.  Vários estimulantes  Exclui-se heroína e barbitúricos e, por vezes, o alcool.
		UNDERGROUND: Público urbano; maior capital cultural e níveis de instrução.  Forte referência cosmopolita às culturas juvenis.	Existência de atitudes intelectuais expressas ou voluntariamente obliteradas a propósito destas vivências.	Pequenos espaços (clubes ou espaços ocupados).	Semelhante à anterior mas com aparente maior proximidade entre as pessoas.  Por vezes, "orgias" ou contactos físicos com ênfase na sensualidade.	Música tecno muito dançável.  Drum'n Bass  Jungle	O mesmo do anterior.  Exclui-se com mais frequência o alcool.
	Pequenos grupos		Experiência mística ou terapêutica  Procura de intensificação de vínculos afectivos com amigos.	Espaços domésticos: casas.	Sentimento de empatia.  Comunicação verbal  Por vezes, "orgias" ou contactos físicos com ênfase na sensualidade.	Música tecno mais experimental e ambiental.  Drum'n Bass  Jungle  Outros estilos: Soul, Disco, funk, etc.	MDMA Haxixe Marijuana Cocaina
	Individuais	Níveis etários mais elevados	Sabedoria mística -Insights  Contemplação  Auto-terapia				MDMA

Presentemente, algumas destas festas - modelo começaram a ser realizadas em praias vietnamitas. Os frequentadores passaram presentemente a dançar dentro de água, utilizando poderosas aparelhagens de som montadas junto ao mar.

Os alucinogéneos utilizados promovem formas de estimulação sensorial que favorecem a utilização de dispositivos e criações psicadélicas, bem como o uso de produtos fluorescentes e actualmente de lasers transportados pelos próprios participantes. Estes elementos visíveis e tácteis, mas sobretudo a música e a complexidade de

frequências rítmicas que esta comporta conduzem os "ravers" a um estado que designam de transe e que pode ir desde a "deriva alucinogénea" onde fruem sensorialmente os objectos postos à sua disposição, até a um estado que definem como de "revelação". Essas formas diversas dos intervenientes evoluírem no interior da situação social criada têm em comum o facto de paralelamente promoverem um contexto de tendencial *desatenção pública* (Giddens:1994(1991)). As trocas de olhares e as interações verbais parecem ser encurtadas e reduzidas ao mínimo.

Para além do consumo de alucinogéneos, são também frequentemente adicionados produtos energéticos ou estimulantes que asseguram a grande parte das pessoas a possibilidade de prolongarem o *trance* e a dança cerca de 14 horas consecutivas, ou de assegurarem cerimónias com diversos dias de duração.

Curiosamente, no interior desta população começam a surgir alguns segmentos que defendem a suspensão ou, pelo menos, um forte auto-controlo no consumo das substâncias químicas. Em alguns casos afirma-se que a música e o ambiente produzido são suficientes para se atingirem os objectivos pretendidos. Noutros entende-se que consumir aquele tipo de substâncias poucas vezes ou apenas uma se torna suficiente para se ficar apto a “saber estar” e a “saber viver” a experiência cerimonial.

Porém, e embora o uso de MDMA seja frequente nestes contextos, ele muitas vezes só é tolerado se não bloquear a experiência alucinatória. Algumas facções defendem que este afecta negativamente os efeitos que deveriam resultar do LSD, provocando “aquela boa onda estúpida” como nos referia um participante de uma festa de *Goa trance* recentemente realizada em Portugal.

- Pelo contrário, o uso de MDMA passa a ser prioritário no interior de um **universo simbólico que designámos por “hedonista”**, mas que, na verdade, comporta uma série de actores sociais, vivências e objectivos muito diversificados que urge identificar e distinguir. É importante registar, aliás, que o próprio MDMA é uma substância muito “plástica” no sentido em que responde a uma série de propostas muito diferenciadas, sobretudo recorrendo a adições. É também por essa razão que surge num lugar de destaque em todos os universos simbólicos que incluem novas drogas.

Subdividimos o “universo hedonista” em dois. O primeiro que designámos por *vie en rose* é constituído por frequentadores com uma proveniência muito heterogénea que parecem, quando inquiridos, não atribuir significados simbólicos particularmente elaborados ao facto de se encontrarem em festas deste tipo e de consumirem determinados tipos de substâncias. Embora a atribuição de significados seja muito diferenciada entre eles, trata-se de uma situação essencialmente lúdica à qual o consumo de Ecstasy e de estimulantes diversos imprimiria uma particular intensidade e aceleração.

No caso deste sub-universo *vie en rose*, o tipo de festas que se caracterizam pelo uso de determinados referenciáveis estéticos, música tecno, a difusão de MDMA e substâncias energéticas fez-se a partir da introdução destes elementos em megadiscotecas. A clássica assunção do “ver e ser visto” e dos mecanismos de sedução destinados à obtenção de parceiros sexuais continua aqui a ter uma representatividade considerável. Esse facto pode ser explicado, por um lado, pelo facto de o MDMA, que parece inibir a excitação sexual, não ter uma penetração muito acentuada, sendo apenas mais uma das drogas em circulação num cenário de policonsumos onde se continua a destacar, muitas das vezes, o álcool que, dada a sua psicoatividade específica, afecta a jusante as expectativas e os quadros de interacção. Por outro lado, pelo facto da desatenção pública não ser promovida como valor prioritário.

Para a maior parte das pessoas, sobretudo para aquelas que desenvolvem percursos no interior do “mundo do trabalho” e da instituição escolar, a presença nestas cerimónias *vie en rose* é muito episódica. Parece seguir o curso dos fins-de-semana e das férias.

Em segundo lugar, identificámos um sub-universo hedonista que designámos por *underground*. Uma das diferenciações mais marcantes relativamente ao universo anterior, e que interessa a um investigador destes fenómenos reter, é a de que os grupos classificados nesta categoria devem ser encontrados em locais diferentes dos anteriores. É o caso de alguns espaços conotados com a vanguarda das culturas urbanas juvenis que acompanham o movimento *acid-house* e que usam o MDMA já desde os meados da década de 80.

A emergência de uma cultura hedónica que associa os valores de desatenção pública, da “empatia”, da “harmonia” e da “espontaneidade” com um certo culto do dandysmo *fin de siècle* e com a preocupação do valor dos objectos e da própria vivência dos sujeitos enquanto “coisas estéticas”, torna a sociabilidade nestes espaços muito difícil sequer, por agora, de descrever, já que revela elementos aparentemente paradoxais e contraditórios. Poderemos afirmar no entanto que o uso do MDMA tende a diluir as expectativas interpessoais, nomeadamente no plano sexual. Pelo contrário, os sentimentos de “empatia”, de “felicidade” e “deslumbramento” narrados pelos consumidores tendem a despoletar o que

alguns autores designam por “orgias sensuais” (Lyttle e Montagne: 1992).

É nestes contextos de *rave underground* que se pode encontrar um maior número de discursos acerca do fenómeno *rave* na sua totalidade, bem como a condenação do que é aqui entendido por muitos como a sua “banalização” ou “massificação” no presente.

Por contraposição a esse movimento de generalização e concomitante profanação do que seria o sentido primordial das *raves* propõe-se uma outra leitura do fenómeno. Esse é entendido, por parte dessa *intelligentzia underground*, como um movimento em larga medida político que contrapõe a dança e a “desatenção pública” aos enquadramentos institucionais, e às hierarquias; e o silêncio aos discursos políticos dominantes (Lyttle e Montagne: 1992; Kokoreff e Mignon: 1994).

Era nesse sentido que um adepto inglês da *rave culture* designava, numa entrevista efectuada há uns anos, a promoção destas festas como a tentativa de realizar “o carnaval no norte da Europa”. Festas que seriam pluriétnicas, unissexo e sem estratos sociais. Festas em que os referentes identitários nem sequer consistiriam em questões com as quais o *self* se confrontaria: “A música mudou; as drogas mudaram; até as pessoas mudaram - Já não há gajos nem gajas. É só malta!”. Recordam-se? Foi Renton, o protagonista do *Trainspotting*, que o disse a si mesmo encostado a uma coluna de uma discoteca

londrina. Proveniente de uma zona suburbana de Edimburgo com fortes índices de consumo de heroína, que ele próprio ajudara a engrossar, Renton tinha acabado de chegar a uma Londres dos inícios da década de 90 onde o Ecstasy florescia.

Na situação *underground*, a *rave* tratar-se-ia pois de uma cápsula pacificadora que anulando expectativas, aspirações e referentes anularia também a ansiedade dos seus habitantes. Um número provavelmente reduzido de entusiastas referia-se inclusivamente às potencialidades “auto-terapêuticas” da droga e a certas capacidades que esta possuiria para “ensinar os grupos e as pessoas a viver” (Watson e Beck:1991). Mais do que uma vivência, a *rave* proporia um mundo alternativo, uma utopia social realizada a um nível micro-social, sob os auspícios de uma droga sintética. E desde os meados da década de 80 disporia também de um símbolo. Um rosto amarelo florescente com um sorriso implantado, fácil de desenhar e com uma simples legenda: *Acid House* (música) + *Ecstasy* (substância) = Happiness ■

Miguel A. Chaves

Departamento de Sociologia: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Tel: 793 39 19

Email: miguelc@innocent.com

Tel: 362 45 01

#### NOTAS

(1) Este texto, no qual se introduziram algumas alterações foi apresentado com o título: “O significado do consumo das «novas drogas»: preliminares de um trabalho de campo.” Nesse momento contou com a utilização de material audio-visual exemplificativo: um excerto do filme *Trainspotting* e videoclips extraídos do programa *Party Zone*.

(2) Para desenvolver conceptualmente a noção de Social Self ver por exemplo: Péman (1993), Giddens (1987 [1984]); (1993 [1989]); (1993 [1991]), Goffman (1974); (1982 [1963]), (1993 [1959]), Burkitt (1991), Turner (1988) e naturalmente Mead (1963 [1943]). O autor deste texto procurou realizar uma síntese e uma abordagem crítica do conceito: ver Chaves (1986:275-279).

(3) Para o desenvolvimento da noção de “Estilo de vida” consultar Hannerz (1969). Ver também Chaves (1986:101-105).

(4) António Maia procurou inclusivamente fazê-lo num artigo publicado na revista *Toxicodependências* (1997), ao descortinar alguns dos discursos e valores dominantes que, assimilados pelas pessoas, acabam por reverter a favor das disposições para o consumo de drogas.



## B I B L I O G R A F I A

- BURKITT, Ian (1991) *Social Selves: Theories of the Social Formation of Personality*. Current Sociology, vol. 39, nº3, SAGE, London.
- BURR, A. (1984) "The ideologies of despair: a symbolic interpretation of Punks and Skinheads usage of barbiturates" in Soc. Sci. Med. Vol. 19 Nº 9. PP. 929-938.
- CHAVES, Miguel A. (1996) *Da Gandaia ao Narcotráfico. Marginalidade económica e dominação simbólica num bairro de Lisboa*. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa (policopiado).
- COHEN, Richard S. (1995) "Subjective reports on the effects of the MDMA (Ecstasy) experience in humans" in Proj. Neuro-Psychofarmacol. & Biol. Psychiat. Vol. 19. PP. 1137-1145.
- GIDDENS, A. (1994[1991]) *Modernidade e identidade pessoal*, Celta Editora, Oeiras.
- GIDDENS, A. (1987 [1984]) *La Constitution de la Société*. PUF, Paris. Tit. Original: *The Constitution of Society*, Polity Press, Cambridge.
- GIDDENS, A. (1993 [1989]) *Sociology*, Polity Press, Cambridge.
- GODINHO, José (1995) "Ecstasy (MDMA) e outras Designer Drugs" in Toxicodependências nº 1.
- GOFFMAN, Erving (1974) *Frame Analysis*, Arper and Row, New York.
- GOFFMAN, Erving (1982 [1963]) *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro. Tit. Original: *Stigma - Notes of the Management of Spoiled Identity*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey.
- GOFFMAN, Erving (1993 [1959]) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Relógio d'Água, Antropos, Lisboa. Tit. Original: *The Presentation of Self in Everyday Life*, Anchor Books, EUA.
- HANNERZ, Ulf (1969) *Soulside*. Columbia University Press, New York.
- KOKOREFF, Michel e MIGNON, Patrick (1994) *La production d'un probleme social: drogues et conduite d'exces*.
- LYTTLE, Thomas e MONTAGNE, Michael (1992) "Drugs, Music and Ideology: A Social Pharmacological Interpretation of the Acid House Movement" in The International Journal of the Addiction, 27(10). PP. 1159-1177.
- MAIA, António (1997) "Prevenção primária da toxicodependência e modelos sociais" in Toxicodependências, nº 2, Ano 3. PP.3-6.
- MEAD, Herbert (1962 [1934]) *Mind, Self and Society: from the standpoint of a Social Behaviorist*, The University of Chicago Press, Chicago.
- PEMÁN, María (1993) *Personalidad, Socialización y Comunicación; el pensamiento de George Herbert Mead*, Universidad Libertarias/Prodhufi, Madrid.
- REDHEAD, S. (1993) *Rave off: politics and deviance in contemporary youth culture*, Avebury.
- STEVENS, J. (1987) *Storming heaven: LSD and the American dream*, Heineman.
- TURNER, Jonathan H. (1988) *A Theory of Social Interaction*, Stanford University Press, California.
- WATSON, Lynne e BECK, Jerome (1991) "New Age Seekers: MDMA Use as an Adjunct to Spiritual Pursuit" in Journal of Psychoactive Drugs, Vol. 23(3), Jul-Sep. PP.261-270.